

VICENTE JOAQUIM SOLER, O PAI DA
MISSIONAÇÃO CALVINISTA NO
BRASIL HOLANDÊS¹



VICENTE JOAQUIM SOLER THE FATHER
OF MISSIONING IN DUTCH BRAZIL

Vol.10 n° 19 jan./jun.2015
p. 139 - 145

Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas²

RESUMO: O objetivo desse texto é apresentar Vicente Joaquim Soler, considerado o pai da missão calvinista no Brasil Holandês. Busquei reconstruir, na medida do possível, o cotidiano eclesial deste predicante de modo a demonstrar o zelo e denodo com que se empenharam nas obras de implantação da Igreja Cristã reformada no Brasil holandês. Para alcançar este objetivo constitui-se e foram analisadas fontes primárias do período, e, em especial as cartas escritas pelo personagem aqui analisado. Tais fontes nos levaram a concluir que Vicente Joaquim Soler, espanhol, frade agostiniano franciscano, convertido ao Calvinismo foi o principal agente da catequese calvinista no Brasil-holandês.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil-holandês. Calvinismo. Missionação.

ABSTRACT: This paper aims to present Vicente Joaquim Soler, considered the father of the calvinist missions in Dutch Brazil. I tried to reconstruct, as far as possible, the ecclesiastical routines of this preacher, demonstrating the zeal and boldness with which they engaged in the work of implementing the Reformed Christian Church in Dutch Brazil. To achieve this goal, primary sources of this period were constituted and analyzed, and especially the letters written by the character analyzed in this paper. Those sources lead us to the conclusion that Vicente Joaquim Soler, Spanish, Franciscan Augustinian friar converted to Calvinism, was the main agent of Calvinist catechesis in Dutch Brazil.

KEY-WORDS: Dutch Brazil. Calvinism. Missioning.

Em 1630 Olinda, Recife, e na sequência as outras capitanias que formavam as capitanias do norte da América portuguesa, foram tomadas dos portugueses pelos neerlandeses calvinistas, das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, que

¹Este texto foi apresentado no 4º encontro do GT nacional de História das religiões e religiosidades e publicado nos Anais da Revista Brasileira de História das Religiões.

²Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, (2007). Pós-doutorado na Universidade Estadual de Maringá no Programa de pós-graduação em Educação onde desenvolveu pesquisa no projeto: Origens da educação escolar no Brasil: século XVI e XVII. mabribas@gmail.com

permaneceram nesse espaço por vinte e quatro anos, sendo expulsos pelos luso-brasileiros em 1654.

Na Páscoa de 1630, o predicante Johaan Baers celebrou o primeiro culto da Igreja Cristã Reformada em Olinda. Porquanto em conformidade com o artigo 9º, do “*Regimento do Governo das Praças Conquistadas ou que forem conquistadas*”, de outubro de 1629, aprovado pela Companhia das Índias Ocidentais e promulgado pelos Estados Gerais, a Igreja Cristã Reformada foi instituída no Brasil em 1630. O artigo estatuiu que:

O Conselho cuidará primeiramente do estabelecimento e exercício do culto público por meio de ministros, segundo a ordem [de Dordt] seguida na igreja cristã reformada destas Províncias Unidas, a palavra Santa de Deus e o ritual da união aceito pelas mesmas Províncias. (RIAGP, 1886, p.292)

Estabelecida, então, a Igreja Cristã Reformada como religião oficial das praças conquistadas, os predicantes que chegaram com as primeiras levas de conquistadores, bem como os que na sequência iam chegando, lançaram-se imediatamente à importante tarefa para a qual foram contratados pela Companhia das Índias Ocidentais, a saber, a “fundação da Igreja de Cristo no Brasil”. Entre os anos 1630 e 1635, são escassas as informações sobre os trabalhos e atividades da Igreja Cristã Reformada nas capitânicas do norte; o panorama muda completamente a partir de 1636, quando a Igreja passa a se reunir duas vezes por ano para tratar dos assuntos eclesiásticos nas chamadas reuniões da Classe, a assembleia das igrejas calvinistas da colônia. Essas reuniões deram origem a documentos ricos de informações sobre os predicantes, suas relações com o Conselho Político do Recife, com a alta cúpula da Companhia — os *Dezenove Senhores* —, com os Presbitérios das Igrejas nas Províncias Unidas e ainda sobre as relações dos reformados com os católicos, judeus e índios, a partir de diversos registros sobre o trabalho eclesial propriamente dito.

A primeira reunião da Classe no Recife, em 1636, coincide com o ano de chegada do predicante Vicente Joaquim Soler, considerado por Frans Leonard Schalkwijk o pai da missão reformada no Brasil. De modo que até 1636, os homens da Igreja reformada marcharam em ritmo lento; a partir de então, Soler impôs seu próprio ritmo e estilo à missão, de modo que seguramente a atividade missionária pode ser dividida em dois tempos: antes e depois de Soler.

O predicante Vicente Joaquim Soler era sob muitos aspectos um homem singular. Observador crítico, sem papas na língua, como dele disse José Gonsalves de Mello, Soler, uma vez instalado em terras brasílicas, procedeu a um rigoroso exame do corpo eclesiástico ali presente; procedimento que, certamente, devia-se ao caráter ético e religioso do homem Soler, e não de alguma instrução recebida na metrópole; arguto observador, nada parece ter passado despercebido ao crivo de seu juízo exigente, como registram inúmeras evidências. Com efeito, Soler pertencia à ala puritana da Igreja Cristã Reformada e foi a partir deste referencial de espiritualidade que analisou o comportamento do clero calvinista no Brasil holandês, bem como avaliou o desenrolar dos trabalhos com os fiéis e com aqueles que precisavam ser alcançados para que o “Reino do Filho de Deus” avançasse nos trópicos. Obcecado pela causa a que devotara sua vida — “meu único fim é que o Reino de Deus prospere” —, pôs-se a escrever cartas para os Senhores da Câmara da Zelândia — “espero melhor da vossa Câmara que de todas as outras, porque acho que vós sois mais religiosos” (SOLER, 1999). Escrevia também a um amigo, André Rivet, tutor do príncipe Guilherme; Rivet vivia na corte, onde desfrutava de grande consideração entre os Orange. No mais das vezes, as muitas cartas de Soler denunciavam a situação da Igreja e a conduta clerical, ambas catastróficas, na opinião do reverendo. Documentos importantes, essas cartas, talvez mais do que nos colocar a par de condutas desviantes ou inadequadas de predicantes, nos desvele a personalidade de um homem: Soler.

Quando deixou as Províncias Unidas em 24 de janeiro de 1636 rumo ao Brasil holandês, o predicante Vicente Joaquim Soler assinou o livro de confissões dos predicantes do Presbitério de Amsterdã, informação irrelevante para o que era um procedimento de rotina. Chama a atenção, no entanto, a expressão que o predicante acrescentou a sua própria assinatura: “V.D. apud Brasilienses Mr.”, isto é, “*Verbi Divini apud Brasilienses Minister*” (servo da Palavra Divina para com os *brasilianos*) (Apud. SCHALKWIJK, 1986, p.258). Como este tipo de acréscimo não fazia parte do procedimento e não consta que outros predicantes signatários do livro tenham feito o mesmo, sou levada a formular duas hipóteses explicativas: primeira, a intenção pessoal do predicante era de trabalhar na missão indígena; segunda, o predicante sabia, e assim o expressava, do plano de catequese para os povos indígenas esboçado um ano antes (1635) pelos dirigentes da Companhia das Índias Ocidentais, com vistas ao bom governo daqueles. Seja como for, o fato é que Soler não esteve entre os que trabalharam específica ou unicamente na evangelização indígena, como foi o caso de alguns predicantes; mas foi, certamente, o maior incentivador, idealizador e executor de projetos com vistas a missão indígena.

Por conhecer a língua francesa, Soler foi contratado em 1635 pela Companhia das Índias Ocidentais com a missão específica de pastorear os soldados de língua francesa assentados no Brasil holandês. O domínio do francês deve ter vindo dos tempos em que, fugindo da Espanha passou à França. Até então, era frade agostiniano. Com efeito, Soler, nascido e criado em Valência, por certo pertencera à Ordem Agostiniana dos frades recoletos descalços de Espanha, que contava com oito anos de existência quando de seu nascimento em 1590. Tal qual o célebre agostiniano de 1517, Martinho Lutero, Soler foi mais um dos monges desta ordem a se fazer reformado e trabalhar incansavelmente na propagação da fé protestante.

Figura ubíqua da missão reformada no Brasil holandês, este religioso combateu em todas as frentes, predicando aos *brasilianos*, aos negros, aos católicos, sem descuidar de seu rebanho específico, os de fala francesa. A documentação é farta em mostrá-lo pregando em francês, espanhol e português, a diferentes públicos, fiéis reformados ou não. Muitos foram os que testemunharam seu empenho na divulgação da fé reformada, como o relatório de janeiro de 1638 que informava: “Aqui no Recife prega ainda o ministro Soler em francês e português” (MELLO, 2004, p. 98); Adrien Vander Dussen, um dos dirigentes do Brasil holandês, relatava aos *Dezenove Senhores* em abril de 1640: “Também, prega, em francês e português, no Recife, na cidade de Olinda e na aldeia dos *brasilianos* próxima à casa de S. Ex.a *dominus* Joachimus Soler” (MELLO, 2004, p. 195). Nas atas da Igreja Cristã Reformada também está registrado o empenho de Soler junto aos portugueses: “Devemos agora acrescentar de um modo geral, nesta parte sobre o culto divino e a religião, que há pouca aparência de que os portugueses se convertam à religião reformada, porque aqui só há um ministro [Soler] que prega na língua deles (...)” (MELLO, 2004, 197)

As fontes portuguesas também registraram, com compreensível pesar, o diligente trabalho de Soler entre os portugueses com o intento de convertê-los à nova e herética fé; motivo este que, segundo João Fernandes Vieira na “breve prática a seus soldados”, registrada por Diogo Lopes Santiago na sua *Historia da guerra de Pernambuco*, primeiro o impulsionara a fazer aos holandeses a “guerra da liberdade divina”:

Em primeiro lugar, ver eu a honra de Deus tão desprezada, os templos sagrados postos por terra, e outros feitos estrebarias de cavalo, os religiosos embarcados, a imunidade eclesiástica consumida, os poucos sacerdotes a cada passo presos e tão oprimidos, querendo vos deixar sem nenhum, para vos fazerem os holandeses, vossos filhos e filhas, luteranos e calvinos, quais eles são, que com esse intento se embarcou o predicante Soler, já o tinha conseguido (SANTIAGO, 2004, p. 244).

O “tempo dos flamengos” deve também ao predicante a construção do único templo reformado no Recife, regra geral, como disse, os neerlandeses usaram os templos católicos para seu culto. Mas talvez, como um marco da presença reformada, Soler sonhasse com um templo construído nos moldes da arquitetura neerlandesa e que fosse adequada aos trabalhos eclesiásticos reformados: “A nossa igreja francesa precisa dum templo neste lugar para ajustar nossos exercícios, e para que a gente se possa encontrar nele”, escreveu ele, em 1640, ao amigo Rivet.

Nesse mesmo ano, Soler escreveu a seu amigo Rivet dando notícias do progresso do trabalho eclesiástico: “(...) a Igreja, pela graça do Soberano está em bom estado”. De fato, os progressos realizados pela predicação eram visíveis; tanto que, na reunião de outubro de 1641, cogitou-se a constituição de um Sínodo no Brasil holandês: “Visto crescer o número dos predicantes no país [discutiu-se] se não seria conveniente dividir a Classe em duas, formando-se com essas um Sínodo”.

Mas, se a vida eclesial de Vicente Joaquim Soler foi coroada de êxitos, chegando a ser considerado o pai da missão no Brasil holandês, o mesmo não lhe aconteceu no âmbito familiar. Casado com Maria, possivelmente francesa, com a qual teve dois filhos, Margarida e um rapaz, cujo nome não é informado, viveu uma vida de dores e frustrações, conforme narrou de próprio punho nas cartas endereçadas a seu amigo Rivet.

A filha Margarida desembarcou com ele e a esposa em Pernambuco, no fim daquele semestre de 1636, conforme relatou a seu amigo: “Deus me fez chegar a bom porto depois dum viagem muito feliz; mas sem um mercador de Colônia, de mim desconhecido, que me hospedou cinco semanas na sua casa, ainda estaria balanceando-me sobre o mar com minha mulher e minha filha (...)” (SOLER, 1999, p. 23). Para o zeloso predicante, que vivia a cobrar do clero e dos fiéis uma vida honesta e piedosa em Cristo, grande deve ter sido o embaraço diante dos boatos que corriam sobre a filha. Ao menos pela boca de Frei Manuel Calado, frequentador da casa de Sua excelência, o Conde Maurício de Nassau, que comentava que Margarida vivia com este um caso de amor (CALADO, 1987, p. 190). Deve ter sido com alívio que, em carta de 1638, o predicante noticiou a seu amigo as núpcias de Margarida com um proprietário de engenho, cujo nome não é informado. Mas, para a infelicidade dos pais, o casamento não pôs fim aos problemas com a filha Margarida. O predicante desabafava ao amigo que Maria, sua esposa, de tanto desgosto já estava “seca e torrada como um arenque defumado, e de reduzida saúde”, pois, para além do fato de não gostar da vida na colônia, a aversão por ela sentida aumentava diante dos tristes acontecimentos que maculavam a honra da família. Passados cinco anos do enlace da filha, o casamento parecia não ter ainda se consumado, sob a alegação de frigidez do marido, de acordo com a narrativa do predicante: “depois de ter vivido com ele cinco anos, sem ele nunca se ter manifestado como tal, estando segundo toda aparência ‘ex frigidis’” (SOLER, 1999, p. 107). Diante da não consumação do casamento, Soler viu-se obrigado a “separar a filha de seu marido” e recolhê-la em casa, o que, como disse, causara enorme tristeza em sua esposa, a ponto dela cair doente. “Tudo está perdido, salvo a honra!”, exclamava o *pater familias* (SOLER, 1999, 107).

Mas as tristezas com a filha estavam longe de acabar. Passados três meses desde que Soler noticiara ao amigo o fim do matrimônio de Margarida, seguiu-se outra carta, datada de 5 de junho de 1643, em que noticiava o seu falecimento: “Tenho vos escrito bastante amplamente pela última armada. Depois desse tempo nos tem visitado Deus, tomando-nos nossa cara filha” (SOLER, 1999, p. 111). Margarida sucumbiu ao amor, ou a sua falta, se dermos crédito às palavras de Frei Manuel Calado, que viveu no Recife ao tempo do governo nassoviano, frequentava amiúde a mesa do conde e, ao que parece, gostava de colecionar histórias sentimentais e de alcova, principalmente de pessoas importantes na sociedade. Dizia o bisbilhoteiro frei que Soler estava “alguma coisa agravado do Conde, por haver desprezado o amor de sua filha Margarida Soler, e acomodando-se com uma filha do

Sargento-mor da Baía, cujo sentimento havia sido a causa de a filha de Soler morrer de paixão, e tristeza” (CALADO, 1987, p.190). A nova amante seria filha de um oficial neerlandês, de acordo com Evaldo Cabral de Melo (MELLO, 2006, p.155). O historiador pernambucano Pedro Souto Maior considerou a informação do autor do *Valeroso Lucideno* inteiramente caluniosa (MAIOR, 1907, p. 329-9); Souto Maior recorre à autoridade do historiador inglês Robert Southey que, ao comentar o caso, considerou que, ainda que um homem da envergadura do conde pudesse cometer esse pequeno deslize, certamente não seria com a filha de um predicante que tal se daria (MAIOR, 1907, p. 111). O fato é que o bem informado frei costumeiramente frequentava a casa de campo de Nassau, onde “as damas e seus afeiçoados” reuniam-se para “ter seus regalos, e fazer suas merendas, e beberetes, como se usa em Holanda” (CALADO, 1987, p. 111)

Restava ao casal Soler o filho, que não embarcara com a família em 1636 para o Brasil. O rapaz parece ter ficado na casa do amigo da família, André Rivet, ou ao menos aos cuidados dele, como pode se depreender da carta de 6 de março de 1638. Nela, lamenta Soler o aborrecimento que sentia pelo comportamento do filho, confessando-se “extraordinariamente contrariado pelo [seu] mau comportamento”; agradece ao amigo por ter cuidado do filho, afirmando que “é-me impossível testemunhar-vos o reconhecimento que tenho — e terei toda a minha vida — do favor que vos dignastes fazer-lhe” (SOLER, 1999, p. 51). Nesta altura, o rapaz estudava medicina em Groningen, o que não impediu Soler de chamá-lo para a colônia já que, como dizia ele:

Tudo considerado, achamos que devemos mandá-lo para cá, em vista sobretudo que o prazer de Deus não tem sido de cumprir o nosso desejo, porque desde o ventre sua mãe e eu o tínhamos dedicado ao Santo Ministério. Sua inclinação não estando em nenhuma forma conforme e o seu humor totalmente contrário a semelhante cargo, fazem-me achar indiferentes todas as outras vocações, desde que sejam honestas. (SOLER, 1999, p. 51)

O rapaz certamente a contragosto chegou ao Brasil holandês no início de 1639; e mais uma vez o predicante demonstrou seu pesar pela falta de aptidão do filho para com o “santo ministério”, para o qual ele e a esposa, com grandes sacrifícios, o haviam preparado desde a tenra infância:

Meu filho está na casa de Sua Excelência, esperando algum emprego de seu valor, segundo sua reduzida capacidade. Não tem nenhuma inclinação ao Santo Ministério, com grande pesar nosso, tendo-o educado e instruído a esse só destino *ab incunabilis* [desde o berço]. A vontade de Deus seja feita. Por Sua Graça comporta-se como tendo temor a Ele, o que me consola; mas a sua mãe não se conforma. (SOLER, 1999, p. 60).

Na verdade, também ele, pai Soler, não se consolava, porque nas cartas subsequentes remetidas ao amigo, o assunto frequentemente vinha a tona: “Meu filho não é tal qual o desejo, mas pelo favor do Todo Poderoso não tem nenhum vício sensacional (...)” (SOLER, 1999, p. 67). O predicante em nenhum momento menciona o nome do filho, mas em junho de 1644 foi indicado para escabino do Rio Grande do Norte, um rapaz de nome João Soler. Bem podendo ser o filho de Soler.

O Novo Mundo foi ingrato com Soler. Problemas com o casamento da filha; a perda da mesma filha; problemas com a falta de aptidão do filho para o sacerdócio (e talvez para qualquer outra coisa, conforme desabafava ao amigo: “minha irritação é de vê-lo desocupado”); problemas com a esposa que, diante das desgraças familiares, implorava pelo retorno à pátria:

Ela me estimula incessantemente e com fortes razões a que regresso, as quais estou constangido de tranquilizar, considerando a coragem com que me tem feito tão fiel companhia numa tão grande, perigosa e pesada viagem. (SOLER, 1999, p. 57-60).

Nos primeiros dias do ano de 1644, o predicante deixava definitivamente o Brasil holandês; talvez o movesse os apelos da esposa; talvez, o sentimento que qualificara de “sensível aflição”: a perda de sua filha. O filho permaneceu no Brasil, possivelmente morrendo na batalha da Casa Forte, de 17 de agosto de 1645, o que indica que tenha encontrado afinal uma vocação ao entrar para o serviço militar na WIC – Companhia das Índias Ocidentais – (MELLO, 1987, p. 298). O predicante perdia, assim, seus dois filhos para as circunstâncias do Novo Mundo.

Mas, não obstante tragédias e desonras, não perdeu Soler a paixão pela Igreja, que tão zelosamente ajudara a estabelecer no Brasil. De volta as Províncias Unidas, trabalhou na igreja Valã de Delf, na Província da Holanda, exercendo, ao que tudo indica, grande influência nos assuntos concernentes à obra missionária no Brasil holandês. Afirmando isso porque, a partir de 1646, é possível perceber, de acordo com o historiador da Igreja, Hemult Andrae, o envolvimento da igreja de Delf com a igreja na colônia, seja enviando predicantes qualificados, seja produzindo e imprimindo literatura adequada à instrução do clero, seja ainda contribuindo financeiramente para o pagamento dos salários dos predicantes. Afirma o historiador que

(...) o sínodo valão ocupou-se especialmente com a missão nas colônias americanas (da Holanda) desde 1646, dando muita ênfase às qualificações para a obra missionária dos pastores a serem enviados às colônias, providenciando, inclusive, literatura apropriada, traçando princípios missionários sãos, contribuindo ainda com meios próprios para o salário dos pregadores. (ANDREA, 1961, p.35-49)

Tudo indica que mesmo na distante metrópole, Soler não abandonara a obra de sua vida, razão pela qual fez jus ao título de “pai da missionação no Brasil holandês”.

NOTAS

³ Expressão usada pelos predicantes, por ocasião da chegada de novos predicantes da metrópole no Brasil holandês.

⁴ Em 1636 foi organizado a Classe ou Presbitério reunindo todas as igrejas no território ocupado, agrupando todas as igrejas do Brasil holandês com o nome oficial de Classe do Brasil da Igreja Cristã Reformada. Classe, na nomenclatura eclesiástica, é o termo técnico para designar um grupo de igrejas da mesma região organizada numa convenção ou um presbitério. Classe: derivado do latim *classis* (convocar). Presbitério: derivado do grego *presbyteros* (ancião).

⁵ O puritanismo neerlandês acreditava que a prática doutrinária devia ser moldada pela *Bíblia*, considerada por eles como a norma de fé e comportamento. Os defensores do puritanismo usavam frequentemente a palavra “pietas”, embora não no sentido de recolhimento ou fuga do presente mundo, mas concebendo o puritanismo como uma vida de submissão a Deus onde procuravam aplicar os princípios bíblicos, tanto na vida individual quanto na coletiva. Na verdade, este pensamento já era claro nos escritos de Martinho Lutero e João Calvino. Homens como William Amesius e William Perkins se tornaram grandes defensores desses pensamentos. Assim, influenciariam vários ministros da igreja reformada neerlandesa, como, por exemplo, Willem Teellinck e Godefridus Udemans, ambos na província de Zelândia, região de mais contato com a Inglaterra, onde a Universidade de Cambridge, por volta de 1550, se tornara o berço do puritanismo inglês. Um representante do puritanismo holandês foi André Rivet, o pastor da igreja valã em Haia, frequentada pela corte Orange-Nassau. Rivet era professor de teologia na Universidade de Leiden e com ele Vicente Joaquim Soler manteve sólida correspondência.

⁶ Dezesete cartas de Soler, p.84. A construção do templo dependia da autorização dos *Dezenove Senhores*, pelo que Soler pedia que o amigo que intercedesse junto a estes “com todo vosso poder”. a intercessão de Rivet foi positiva tendo os senhores dezoito liberado a construção do templo. Estes liberaram para a construção uma verba de 4 mil florins. João Maurício contribui como uma soma idêntica, procedente duma multa imposta a um judeu blasfemo. Com esses 8000 florins, foi construído o templo reformado de língua francesa no Recife. Esse templo foi registrado por Frans Post e é o que aparece nos desenhos de Vila Maurícia, no livro de Barléu. A igreja tinha o plano na forma duma cruz grega, como as velhas igrejas até hoje existentes na Holanda, como a Igreja Nova em Haia, desenhada por P. A. van

Noorwits.” Consta numa nótula diária de 1641 que a construção só poderia ter início depois que o engenheiro Pistor analisasse o local destinado à construção e apontasse o melhor terreno para a construção, “de modo que em caso de urgência ela possa servir como fortificação e como defesa do armazém e das casas dos moradores que ali sejam construídas”. Nótula diária de 4/4/1641. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/monumentahigynia>. Acesso em: 20 maio 2006.

⁷Dezessete cartas, op. cit., p. 66.

⁸O termo “Classe” é derivado do latim “classis” e significa *clamar*, convocar, sendo, na nomenclatura eclesial, usado como termo técnico para designar um grupo de igrejas da mesma região organizada numa convenção ou um “presbitério”. Presbitério é uma palavra vinda diretamente do grego *presbyteros*. Em 1636 foi organizado no Brasil holandês a Classe ou Presbitério reunindo todas as igrejas com o nome oficial de “Classe do Brasil da Igreja Cristã Reformada”, até então as igrejas no Brasil holandês era geridas pelos seus respectivos Consistórios órgão de administração local, formado pelo predicante, presbíteros e diácono. A Classe, como conjunto de igrejas locais representadas pelos pastores e presbíteros se reunia duas vezes ao ano para deliberar sobre os assuntos eclesiais, estas reuniões duravam varias dias. Em 1642 veio a proposta da Classe de se constituir um Sínodo no Brasil holandês. O Sínodo era o órgão supremo da Igreja Cristã Reformada e era composto pela reunião de duas ou mais Classes. Desdobraram então a Classe em Classe de Pernambuco e Classe da Paraíba formando desta forma o “Sínodo do Brasil”. Com o início da insurreição pernambucana em 1645, o número de igrejas reformadas diminuíram, o que levou ao fim do Sínodo, voltando a administração eclesial a ser gerida pela “Classe do Brasil”.

REFERÊNCIAS:

- ANDREA, Hemult. (Diener) Zur Geschichte der Reformierten Kirche in Hollaendisch-Brasilien: Die Diener des Herren (“Para a história da Igreja Cristã Reformada no Brasil holandês: os servos do senhor”). In: **Almanaque do Sínodo Rio-grandense**, 1961.
- CALADO, Manuel. **O valeroso lucideno**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, v. I, 1987, pp. 274.
- Dezessete cartas de Vicente Joaquim Soler 1636-1643**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1999, pp. 120.
- MAIOR, Pedro Souto. **Fastos Pernambucanos**. In: RIHGB. Tomo LXXV. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1913. Relatório de Gerritsz Resenlaer. In: ABNRJ v. XXIX, 1907, pp. 504.
- MELLO, Evaldo Cabral. **Nassau**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 289.
- MELLO, José Antonio Gonçalves de. **Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira**. Vol. I, 2 ed. Recife: CEPE, 2004, pp. 263.
- REGIMENTO do Govêrno das Praças Conquistadas ou que forem Conquistadas nas Índias Ocidentais, In: **RIAGP**, nº 31, Recife, 1886, pp. 200.
- SANTIAGO. Lopes Diogo. **História da Guerra de Pernambuco e feitos memoráveis do mestre de campo João Fernandes Vieira herói, primeiro aclamador da guerra**. Recife: CEPE, 2004, pp. 596.
- SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês. 1630-1654**. Recife: FUNDARPE, 1986, pp. 544.

Recebido em: 03/01/2015
Aprovado para publicação em: 02/03/2015